

## **Diálogo com o documento síntese preparatório da Assembleia Geral/CEAAL.**

### **Contribuição coletivo Brasil**

**Novembro de 2021.**

#### **1) Comentários gerais**

- O documento está muito bom em termos de construção e aprofundamento. É um documento bem elaborado e produzido, apresentando com densidade o que estamos vivendo e os desafios que teremos pela frente enquanto CEAAL.
- O documento traz uma boa análise de conjuntura a partir de uma perspectiva decolonial (intersecção de classe, raça, gênero, exploração do trabalho, eurocentrismo).
- O documento contempla inúmeros aspectos importantes e relevantes para construção de uma agenda potente no campo da educação popular. Principalmente no atual contexto político que estamos vivendo.
- O documento expressa importantes diálogos realizados nos Eixos de Trabalho que foram organizados em preparação à assembleia.
- Contempla o lugar da memória e da ancestralidade nas práticas da educação popular.
- Tematiza e parte da necessidade do aprofundamento democrático, da construção do poder popular, ao mesmo tempo em que valoriza a construção e a disputa por políticas públicas (proposição, execução, avaliação).
- O texto já incorpora a noção de corporeidade (afetos, sexualidades.) no qual as desconstruções partem dos sujeitos, avançando para o conjunto das organizações e processos.
- Importância da produção e democratização do conhecimento/epistemicídio.
- Dimensão micro e macro da luta contemplada no documento.

#### **2) Ausências identificadas: temas e outras questões**

- Em relação aos temas, pensamos que FALTA tratar sobre religião/religiões e sua relação com a política;  
Mesmo em espaços não religiosos, é preciso compreender a relação entre ambas e o uso político da subjetividade dos sujeitos vulnerabilizados e empobrecidos para interesses de quem domina política e economicamente o planeta;
- Trabalhar melhor o tema do uso de agrotóxicos e soberania alimentar como uma agenda importante e indissociável do extrativismo, monocultura e dependência econômica;

- Pensar a inclusão digital enquanto uma agenda política. Muitas organizações vêm realizando formações em Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). As dificuldades acabam reproduzindo algumas desigualdades de acesso, como conexão e domínio de ferramentas. Logo, é uma agenda importante, pois atravessa diversas formas de opressão. Pensar políticas de acesso para os movimentos, de forma que comunidades mais distantes ou comunidades rurais possam ter a mesma qualidade de participação em nossas atividades;  
Ainda na questão da comunicação acrescentar a regulamentação da mídia. Além disso, se refletiu que a comunicação é um elemento muito importante e devemos trazer presente em nossa organização. Além de construir as nossas redes, também devemos usar as que já existem, a partir de uma linguagem popular.
- Falta de mais referências à cultura popular. Fala-se muito pouco ou quase nada de cultura popular. O documento dá pouca atenção a ela e privilegia o conhecimento científico, mantendo a subordinação da cultura à ciência;
- Sempre que utilizar a palavra "ética", incluir também a palavra "estética". Superar dicotomias ou ausências no texto. Na mesma direção, contemplar mais as dimensões criativas, ambientais, ecológicas.
- Faltou fundamentar a síntese com Paulo Freire e fazer uma conexão com o centenário e a campanha em Defesa do Legado de Paulo Freire

### **3) Desafios e inclusões no documento**

- Princípios e orientação para ação. Resolver melhor no documento o que são princípios e o que são orientações para ação. Há propostas e orientações para ações muito genéricas e se parecem com princípios. Ponto IV - 1.2;  
Ao item IV do documento = DESAFIOS POLÍTICOS, LINHAS PROGRAMÁTICAS, ORIENTAÇÕES E AÇÕES. A cada desafio, acrescentar um item 3 - "Compromissos concretos das nossas Organizações filiadas". Modificando assim a formatação dessa sessão do documento síntese. Ficaria assim cada formulação dos desafios:
  - 1.1 - Princípios Programáticos
  - 1.2 - Propostas de orientações e ações
  - 1.3 - Compromissos concretos das organizações locais.
- Resolver melhor a questão da raça no documento. Incluí-la sempre que houver a menção "etnia" - étnico-racial.
- Esclarecer os termos/conceitos como Abya Yala e epistemicídio, pois são conceitos pouco claros e acabam privilegiando a ciência. Assim o documento

pode ter um alcance maior, para além das e dos que já estão inseridos no debate;

- Buscar uma solução para que a linguagem de gênero seja melhor contemplada no próprio documento. Sempre que falar em gênero, colocar também raça/etnia.
- Talvez usar o termo LGBTQIA+ como um padrão no documento inteiro. Substituir o termo “não binário” por esse primeiro;
- Sugestão: usar "vida cotidiana" em vez de "cotidiano";
- Cuidar e dar muito mais atenção à cultura e ao respeito, valorização e convivência com as diferenças e semelhanças culturais que nos caracterizam. Utilizar mais "sociocultural" e "socioambiental" em vez de falar apenas ao social;
- Na questão da educação, garantir a educação com a preservação da cultura, costumes e línguas dos povos indígenas, originários.
- Educação popular e Educações Populares. Não vemos necessidade de nomear a EP no plural – Educações Populares. Razões: a) entendemos que a EP é uma só (histórico, princípios, pressupostos; ponto de partida e ponto de chegada). O que muda, como o próprio texto diz, é a realidade de cada país/região e, por conseguinte, as estratégias de ação dentro da Metodologia (participativa, que considere os diferentes saberes, culturas; etc.); b) achamos que pode confundir quem começa agora a estudar, a apropriar-se da EP.

A partir da leitura do documento, de nossas práticas e construções teóricas e metodológicas, entendemos e defendemos o uso da expressão Educação Popular no singular. Entendemos que o conceito de Educação popular, por si só, já é plural. Quando falamos. Educação Popular, tratamos dela na sua diversidade, em distintas dimensões e possibilidades.

A expressão no plural, pode fazer com que seus princípios sejam dissipados e se tornem tão fluidos que, ao final, podemos correr o risco de estar desenvolvendo outros processos educativos que não são, em nada próximos à educação popular. Entendemos que temos uma educação popular, em contextos escolares e não escolares.

Esse debate deve ser realizado em nossa Assembleia Geral. Além disso, temos de refletir sobre como estamos fazendo e vivendo a educação popular enquanto prática e nos perguntar se o que estamos vivenciando hoje e que perpassa nossos fazeres, está provocando realmente transformação social.

- Maior aprofundamento sobre o tema Bem Viver. Surge como um horizonte, uma possibilidade de um outro mundo possível. a) como tratar esse tema, especialmente nos meios urbanos? A lógica atual para se ter emprego é a

produção, que está intrinsecamente atrelada ao consumo (na lógica capitalista); b) é difícil falar em redução de consumo com os empobrecidos. A lógica de crescimento (e de sucesso) é poder consumir. Não estamos dizendo que tenha que continuar assim; a dúvida é como fazer a passagem de um modelo para outro (radicalmente distintos) e; c) isso nos reporta à NECESSIDADE de formação, por exemplo.

Para todos os demais temas, bem ou mal, os movimentos têm encontrado formas de fazer chegar a formação aos meios populares, mas...embora saiba que é necessário e urgente. Vemos dificuldade em tratar sobre o Bem Viver na formação para quem está fora da “bolha”, ou seja, como sair do “nós para nós mesmos”.

- No item II – Contextualização – Incluir no texto um parágrafo sobre a conjuntura bolsonarista no nosso país (Brasil), incluindo a questão desse governo repudiar e querer “apagar” Paulo Freire, visto que nosso país tem sido pauta mundial como “um exemplo de práticas ultra-direitistas”. Além disso, no documento se traz uma abordagem do capitalismo como uma relação social, assim entendemos ser necessário acrescentar o aspecto econômico, político, etc.

- No Item 4.2. 4º parágrafo, retirar a palavra “treinamento” e colocar formação.

- Pág. 08 (Parágrafo 4) – depois de escassa redistribuição de excedentes, acrescentar: aumento da concentração da riqueza, da exploração de trabalhadores e trabalhadoras e de desempregados.

- Pág.10: Acrescentar a questão da construção e massificação de processos formativos de leitura crítica da realidade.

- Pag. 32 (Item 3): faltou um posicionamento sobre o capitalismo.

- Faltou dar maior relevância a sistematização como processo de construção do conhecimento. Na produção do Conhecimento abordar a pesquisa popular.

- Afirmação que o uso das economias solidárias no plural traz essa multiplicidade de práticas realizadas nos diferentes países em que estamos organizados. Sabemos que temos princípios que são universais. Temos de acolher e fomentar essas práticas, em nossas organizações, desde que estejam voltadas para a transformação social.

- Com relação às metodologias: os itens que estão propostos no documento, não apresentam a possibilidade de construção de novas metodologias, inclusive a partir do momento que estamos vivendo. Assim, é importante acrescentar essa possibilidade.

- Desafio geral para o CEAAL: Melhorar o diálogo, através da língua oral, para incluir todas/os. Temos de buscar ter uma interculturalidade linguística. A prática do “Portunhol” deve ser um esforço de todos os países filiados.

- Importante que, enquanto organização, o CEAAL consiga avançar nas práticas daquilo que defende nas falas e formações. Nos nossos grupos, por exemplo, buscamos construir práticas de Bem Viver, assim, enquanto organização temos de dar esse passo de forma mais concreta e coletiva. Que tal pensarmos numa jornada formativa (Educação Popular, soberania popular, Bem Viver) e finalizar com uma mostra online de práticas da educação popular, onde as entidades e mesmo os grupos que acompanhamos possam expor, e aqueles que tiverem, poder vender e/ou trocar seus produtos?

#### **4) Organicidade e grupos de trabalho**

- Talvez seja o caso de aprofundar a organização interna - fundir alguns grupos temáticos, reorganizar os GTs que já existem e diminuir o número deles, já que muitos temas se repetem ou são complementares. Desse modo, propomos a busca pela interconexão entre eles e, ampliá-los a partir dos eixos de trabalho compostos em preparação para a Assembleia. Entendemos que, exceto o da comunicação, os demais que estão sendo propostos não deveriam ser criados nesse momento. Dessa forma, a redução de áreas temáticas, pode fortalecer a unidade de nossa diversidade;
- Maior representatividade e presença de grupo temáticos relacionado à cultura popular, que é matriz da educação popular;
- Inserir na pauta, o financiamento dos movimentos populares e organizações não governamentais, para a viabilidade de seus projetos em diálogo com o CEAAL;
- Propor agenda cultural de acordo com os países participantes.